

ADOLFO LUCAS MAQUEDA

ESPÍRITO SANTO E LITURGIA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lucas Maqueda, Adolfo
Espírito Santo e liturgia / Adolfo Lucas Maqueda ; [tradução Paulo F. Valério]. -- São Paulo : Paulinas, 2020. -- (Coleção liturgia fundamental)

Título original: Espírito Santo y liturgia
ISBN 978-85-356-4576-7

1. Espírito Santo 2. Liturgia I. Título. II. Série.

19-30766

CDD-231.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Espírito Santo : Teologia dogmática cristã 231.3

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Título original da obra: *Espíritu Santo y liturgia*
© *Centre de Pastoral Litúrgica, Barcelona, 2018.*

1ª edição – 2020

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato e*
Antonio Francisco Lelo

Tradução: *Paulo F. Valério*

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Projeto gráfico: *Manuel Rebelato Miramontes*

Capa e diagramação: *Tiago Filu*

Imagem de capa: afresco da cena de Pentecostes na Basílica del Carmim, de 1933,
por Antonio Sebastiano Sílvia. Foto de @ sedmak/ depositphotos

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2020

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
-----------------	----

CAPÍTULO 1

O CONCÍLIO VATICANO II E O ESPÍRITO SANTO	17
---	----

1. Considerações histórico-pneumatológicas prévias.....	17
---	----

2. O Vaticano II, o Concílio do Espírito	20
--	----

2.1 A pneumatologia nos principais documentos conciliares	21
---	----

2.2 Avaliação pneumatológica destes documentos conciliares	23
--	----

3. A pneumatologia nos estudos teológico-litúrgicos	24
---	----

4. A pneumatologia nos novos livros litúrgicos	26
--	----

4.1 Conhecimento e estrutura destes livros	26
--	----

4.2 A pneumatologia nos livros litúrgicos.....	30
--	----

CAPÍTULO 2

O ESPÍRITO SANTO PREENCHE A LITURGIA	33
--	----

1. A dimensão ascendente e a dimensão descendente da liturgia.....	34
--	----

2. As epicleses do Espírito	36
-----------------------------------	----

2.1 As epicleses dentro da celebração eucarística (em sentido estrito)	36
---	----

2.1.1 Epicleses eucarísticas anafóricas	36
---	----

2.1.2 Epicleses eucarísticas extra-anafóricas	37
---	----

2.1.3 Quando as espécies eucarísticas ficam consagradas?	38
--	----

2.2 As epicleses fora da celebração eucarística (em sentido amplo)....	41
--	----

2.3 As epicleses extracelebrativas.....	42
---	----

3. Os dinamismos pneumatológicos.....	45
4. A linguagem litúrgica e sua dimensão pneumatológica.....	47
4.1 Traços principais do tema pneumatológico.....	48
4.2 Principais palavras e termos pneumatológicos	49
4.3 Gestos.....	49
4.4 Elementos típicos ou realidades.....	50
4.5 O silêncio.....	52

CAPÍTULO 3

NA CELEBRAÇÃO LITÚRGICA SE MANIFESTA O ESPÍRITO SANTO.....	53
1. Pistas litúrgico-celebrativas.....	54
2. Pistas litúrgico-teológicas	57
3. Pistas litúrgico-vitais	60
4. Cantar a celebração com a voz do Espírito	62
4.1 O Espírito Santo, único diretor musical	63
4.2 O canto e a música canalizam e veiculam a ação do Espírito.....	65

CAPÍTULO 4

O ESPÍRITO SANTO, CHAVE DA PALAVRA DE DEUS	69
1. A Palavra, dom do Espírito Santo.....	70
2. Presença e ação do Espírito na Palavra	72
3. Dóceis à escuta da Palavra.....	74
3.1 A Palavra partida.....	75
3.2 A Palavra repartida.....	77

CAPÍTULO 5

A PRESENÇA E A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

NA ASSEMBLEIA LITÚRGICA.....	81
1. A participação dos fiéis.....	81
2. O Espírito Santo constitui a assembleia litúrgica.....	85
3. A assembleia litúrgica descobre-se <i>celebrante</i> pelo Espírito.....	88
4. A assembleia litúrgica: <i>memorial</i> histórico-salvífico pelo Espírito Santo... ..	89
5. A assembleia litúrgica: <i>visibilização</i> de Cristo pela força do Espírito .	89
6. A assembleia litúrgica: <i>canalizadora</i> da ação do Espírito Santo.....	90

- 7. A assembleia litúrgica: uma comunidade *pneumatófora*..... 91
- 8. A assembleia litúrgica: *Igreja doxológica* para uma vida cultural 92

CAPÍTULO 6

O ESPÍRITO SANTO NA CELEBRAÇÃO DOS SACRAMENTOS.....	95
1. Batismo e Espírito Santo	96
2. Confirmação e Espírito Santo	100
3. Eucaristia e Espírito Santo	104
4. Reconciliação e Espírito Santo	105
5. Unção dos enfermos e Espírito Santo	108
6. Ordem e Espírito Santo	111
7. Matrimônio e Espírito Santo.....	115

CAPÍTULO 7

OS SACRAMENTAIS DA IGREJA, SOPROS DO ESPÍRITO SANTO....	123
1. O Espírito Santo e a vida consagrada	124
1.1 A virgindade consagrada é dom do Espírito Santo.....	124
1.2 A virgindade consagrada é presença permanente do Espírito	125
1.3 A vida religiosa, ícone trinitário	127
2. O Espírito Santo no exorcismo maior	130
2.1 Exorcismo: atuação eclesial de Cristo, pela força do Espírito Santo... 130	
2.2 A presença e a unção do Espírito Santo no Ritual de Exorcismo.... 132	
2.3 A invocação do Espírito Santo nas fórmulas do exorcismo	134
2.3.1 Fórmulas deprecativas.....	135
2.3.2 Fórmulas imperativas	136
2.4 No Espírito Santo se compreende a oração do exorcismo	138
3. Sois templos do Espírito Santo. A Dedicção das igrejas.....	139
3.1 A Igreja reza e celebra o Espírito Santo	140
3.2 A plenitude em Cristo, templo e altar; o culto em espírito e verdade ... 141	
3.3 A presença de Cristo e do Espírito Santo no espaço celebrativo.... 142	
3.4 A oração da Dedicção de uma igreja.....	143
HINOS AO ESPÍRITO SANTO.....	149

INTRODUÇÃO

Vivemos imersos em um tecido orgânico inteiramente amalgamado pela Terceira Pessoa Divina, que age transformando tudo com sua presença e ação. Já faz alguns anos que a Igreja ocidental está recuperando a figura do Espírito Santo, ignorada e silenciada durante séculos. Agora, nas pesquisas atuais, estuda-se o Espírito em diversos campos da teologia. Ele tem importância capital na assembleia litúrgica, na celebração, na Palavra de Deus, no ano litúrgico e, até mesmo, nas missões, na Igreja, na história, no cosmos e na vida.

Este livro quer aproximar-nos do Espírito Santo, destacando, principalmente, sua presença e ação na celebração litúrgica. Na realidade, o *Espírito Santo* e a *liturgia* são um binômio inseparável, uma vez que a liturgia, em sua globalidade, é pneumatológica. No entanto, nem todos os estudos que se fizeram sobre a dimensão pneumatológica do culto cristão e sobre a presença e a ação do Espírito Santo na liturgia empregaram o mesmo método e obtiveram os mesmos resultados. O fato de a teologia ocidental, em geral, ter-se esquecido do Espírito Santo também é aplicável à liturgia, especialmente a romana. Por esta razão, no Concílio se deu uma mudança de mentalidade, de modo que falar do Espírito Santo na liturgia é fazê-lo situando-o a partir da história da salvação e em relação com as outras pessoas trinitárias, o Pai e o Filho.

Na história, lá onde se realiza o desígnio salvador de Deus, está o Espírito Santo mostrando sua atividade. Ele identifica-se com a força de

Deus a serviço de seu projeto de salvação. Podemos assegurar que nos salvamos pelo Espírito Santo. Sua presença e ação foram vistas desde o começo da história, e serão vistas até o final dela. Ele está no início da criação (cf. Gn 1,2) e está presente no final, no Apocalipse (cf. Ap 22,17). Intervém no começo da vida humana, quando Deus sopra o alento de vida para formar o homem (cf. Gn 2,7), e intervém na Ressurreição de Cristo (cf. Rm 8,11). Está em acontecimentos surpreendentes depois do dilúvio, quando as águas baixaram (cf. Gn 8,1), quando o mar Vermelho se retirou devido a um forte vento (cf. Ex 14,21), ou na própria morte, quando Deus retira seu sopro do vivente (cf. Sl 32,6). Está no começo da vida pública de Jesus (cf. Lc 4,14), em seu Batismo (cf. Lc 3,21ss), na Cruz (cf. Jo 19,30), em Pentecostes (cf. At 2,1-4), e quando os cristãos recebem o Batismo (cf. Jo 3,5).

O Espírito de Deus continua agindo através da celebração litúrgica, concretamente, na celebração dos sacramentos. Estes constituem acontecimentos de salvação da mesma ordem que os acontecimentos da história da salvação, e da mesma ordem que o acontecimento único de Cristo. Os sacramentos prolongam a obra salvadora de Cristo na Igreja. As grandes ações do Antigo e do Novo Testamento, as grandes proezas realizadas por Deus continuam no tempo da Igreja e prefiguram a escatologia definitiva. Contudo, a presença de Cristo, tal como a do Espírito, está não somente nos sacramentos, mas também na Palavra de Deus, nas espécies eucarísticas, na pessoa do ministro e quando se cantam os salmos (cf. SC 7).

Ao longo destes capítulos, o leitor poderá comprovar esta afirmação da Constituição sobre a Sagrada Liturgia. Na exposição, começo situando o tema do Espírito Santo na história e, concretamente, no Concílio Vaticano II: documentos principais, estudos em torno do Pneuma e livros litúrgicos (c. 1). Continuo explicando termos fundamentais, como dimensão ascendente e dimensão descendente, as epicleses e a linguagem pneumatológica, que nos situam no centro da realidade *Espírito Santo e Liturgia* (c. 2). Passarei a expor a celebração (c. 3), a Palavra

de Deus (c. 4) e a assembleia (c. 5) sob o aspecto pneumatológico. Descobrir-se-ão alguns pontos que realmente vale a pena examinar, como, por exemplo: o canto litúrgico, a participação ativa e a palavra *partida* e *repartida*. Também nos capítulos 6 e 7 adentraremos no marco pneumatológico dos sete sacramentos, bem como de três sacramentais: a virgindade consagrada, o exorcismo e a Dedicção de igrejas.

Contudo, espero que este estudo da teologia atual *dê início* a melhor diálogo com as ciências antropológicas, sociais e positivas; *aposte* em uma visão em que o pneumatológico encontre espaço; *supere* o discurso intelectual com outro mais de tipo sapiencial e vital, *conte* com a história, a patrística e a eucologia; e *coloque* a vida em chave litúrgica e em sintonia/sinergia com o Espírito Santo.

Adolfo Lucas Maqueda

CAPÍTULO 1

O CONCÍLIO VATICANO II E O ESPÍRITO SANTO

Seria impossível expor um percurso histórico exaustivo sobre o Espírito Santo neste capítulo. No entanto, é necessário apresentar a situação em que se encontrou o tema pneumatológico ao longo dos séculos, ainda que brevemente. Por isso, em algumas considerações prévias, repassaremos os antecedentes históricos sobre o Espírito Santo antes do Concílio Vaticano II (1963-1965), momento a partir do qual se deu uma *recuperação* na dimensão *pneumato-trinitária*. Este forte impulso conciliar, que se veio gestando desde algumas décadas antes, deu ensejo a uma reflexão teológica apurada, a alguns estudos profundos e ao nascimento de autores-teólogos de muita importância. O tempo da Igreja é o tempo do Espírito; mesmo assim, haverá momentos nos quais ele se torna mais evidente porque sopra onde quer.

1. Considerações histórico-pneumatológicas prévias

Desde as origens do cristianismo, existiu a consciência de que o Espírito Santo guiava, ajudava, santificava e estava presente em cada um dos cristãos e na Igreja. O livro dos Atos dos Apóstolos evidencia a

presença do Espírito Santo; além de encontrar-se no íntimo dos Apóstolos e em cada fiel, está no âmbito exterior, quando eles começaram a falar línguas estranhas (cf. At 2,4), quando surgiam *apóstolos* capazes de levar adiante a obra de Deus (cf. At 6,1-7), ou quando apareciam pessoas que tinham o dom da profecia (cf. At 21,10-14). Este dom ou carisma próprio da Igreja é *sintoma* do Espírito Santo. A Igreja Apostólica primitiva era um verdadeiro ícone visível da presença e da ação do Espírito divino.

Nos séculos IV-V, os Padres da Igreja escreveram tratados, homilias e catequese relacionados ao Espírito Santo. Santo Hipólito dirá que “*festinet autem et ad ecclesiam, ubi floret spiritus*” [Que se apresse, porém, em ir à igreja, onde floresce o Espírito],¹ e Santo Irineu escreverá que “onde está a Igreja, está também o Espírito de Deus; e onde está o Espírito de Deus, ali está a Igreja e toda a sua graça”.² No entanto, muitos outros não deveriam ser esquecidos.³ Por conseguinte, a pneumatologia dos primeiros séculos representa o início de uma reflexão sobre a fé da Igreja. O cristianismo primitivo elaborou uma excelente pneumatologia, oferecendo algumas preciosas formulações sobre o Espírito Santo.

Na Idade Média, concretamente, esse entusiasmo foi decaindo, principalmente em todo o Ocidente, chegando a certa *despreocupação* pelo tema da Terceira Pessoa Divina, provocado, entre outras coisas, pelo cisma entre Roma e Bizâncio, no ano 1054. O Oriente, por outro

¹ SANTO HIPÓLITO, *Tradição apostólica*, n. 35.

² IRINEU DE LIÃO, *Adversus Haereses*, III, 24,1.

³ Para uma boa visão da pneumatologia patrística, consultem-se: I. ORTIZ DE URBINA, *Niceia y Constantinopla*, ESET, Vitoria 1969; J. P. MARTÍN, *El Espíritu Santo en los orígenes del cristianismo*, Pas-Verlag, Zurich 1971; J. L. FERNÁNDEZ, *Pneumatología de san Cirilo de Jerusalén*, Madrid 1974; L. LADARIA, *El Espíritu Santo en san Hilario de Poitiers*, EAPSA, Madrid 1977; G. L. PRESTIGE, *Dios en el pensamiento de los Padres*, Secretariado Trinitario, Salamanca 1977; M. GUERRA, *La pneumatología en los Padres de la Iglesia*, Aldecoa, Burgos 1983; C. GRANADO, *El Espíritu Santo en la teología patrística*, Sígueme, Salamanca 1987; C. I. GONZALEZ, *El Espíritu Santo en los padres griegos*, Porrúa, México 1996.

lado, limitou-se a repetir quanto o Concílio de Constantinopla havia dito sobre o Espírito Santo, sem acrescentar nada mais a respeito de sua origem, natureza e missão, mas se alimentou do Espírito Santo e degustou-o intensamente na liturgia, na arte, nos escritos, no canto e na espiritualidade. Isto não quer dizer que o Espírito Santo *tenha deixado de existir* para a Igreja ocidental. O Espírito sempre esteve na liturgia, embora não houvesse uma reflexão sobre ele. Ademais, durante a Idade Média, compuseram-se os cantos do *Veni Creator Spiritus* e o *Veni Sancte Spiritus*; o primeiro, como hino litúrgico dedicado ao Espírito Santo e atribuído a Rábano Mauro, arcebispo de Mogúncia, no século IX, e o segundo, de Estêvão Langton, em 1228, como sequência cantada na missa de Pentecostes. Nasceram novas ordens religiosas como sopro do Espírito. Entretanto, em geral, a Igreja de Rito Romano buscou mais uma ciência de Deus assegurada na parte teológica e sistemática.

Teremos de ir ao final do século XIX e, principalmente, no século XX para observar novamente um progresso significativo no desenvolvimento pneumatológico. Vai-se forjando certa mudança de mentalidade e orientação teológica. A origem dessa transformação proveio de três vertentes: a *bíblica*, a *eclesial* e a *cultural*. Estes três fatores compenetraram-se mutuamente: de um lado, o retorno às fontes da Sagrada Escritura e da grande tradição patristica; de outro, a integração dos problemas e correntes do tempo. O movimento litúrgico nasceu ao redor da abadia beneditina de Solesmes (França), cujo promotor foi Prosper Louis Pascal Guéranger (1805-1875). Suas ideias foram propagadas por Odo Casel (1886-1948), Romano Guardini (1885-1968), J. A. Jugmann (1889-1975) e Louis Bouyer (1913-2004), como principais expoentes deste movimento. Todos eles buscaram uma espiritualidade autêntica, orientada para Cristo, distanciando-se de muitas formas doutrinárias e piedosas herdadas dos séculos passados.

Além do movimento litúrgico, surgiram outros grupos que originaram uma mudança de mentalidade na Igreja, como o movimento juvenil católico, os movimentos carismáticos e pentecostais, o movimento

bíblico, o apostolado secular e os começos do movimento ecumênico. Este último provocou um avanço e aumento de estudos pneumatológicos para a Igreja latina.

Do ponto de vista magisterial, temos as publicações das encíclicas *Divinum illud munus*, de 1897, em que Leão XIII apresentou, propriamente, a presença e a ação do Espírito Santo na Igreja; *Spiritus Paraclitus*, de 1920, de Bento XV, que tratou temas relacionados com a Bíblia; e *Divino Afflante Spiritu*, de 1943, de Pio XII, com grandes ressonâncias bíblicas e eclesiológicas e com uma rica teologia sobre o Espírito Santo, mas sem chegar a uma plena pneumatologia.

Contudo, será preciso esperar o Concílio Vaticano II para que a atenção, a preferência e o florescimento do pneumatológico se plasmem *oficialmente* na Igreja ocidental.

2. O Vaticano II, o Concílio do Espírito

No dia 25 de janeiro de 1959, João XXIII (1881-1963), na *Basilica de São Paulo Extramuros*, anunciou uma tríplice convocação: um Sínodo para a diocese de Roma, um Concílio Ecumênico e a reelaboração do Código de Direito Canônico. O Concílio foi o que teve mais relevância e onde se concentraram todas as forças e energias.

A ideia do Papa para o desenvolvimento deste Concílio não era elaborar nem reformular definições doutrinárias, nem condenar erros, mas simplesmente um *atualizar-se*, um renovar-se, um introduzir a Igreja em um novo período da história. Dito de outra maneira, *um estar em sintonia com os sinais dos tempos*.

O Concílio foi uma bênção do Espírito Santo. Foi denominado, com exatidão, de *novo Pentecostes*, quando se abriram as janelas para renovar a Igreja com ar novo e fresco;⁴ alguém o chamou até mesmo de

⁴ CF. JOÃO XXIII, *Epist. Cat. Oecumenicum Concilium (23-IV-1962), Acta ante (=Acta et Documenta Concilio Oecumenico Vaticano II apparando. Series I: antepreparatoria)*.

*o Concílio do Espírito Santo.*⁵ Na realidade, todos os concílios o são, uma vez que o Espírito Santo age sempre na Igreja como *alma e princípio vivificante e animador*.

No entanto, este Concílio foi algo diferente: renovou-se o modo de fazer teologia, colocou-se o Evangelho no centro, e o olhar voltou-se para as fontes do cristianismo. O teólogo Congar resumiu esta afirmação, dizendo: “Se a Igreja quiser aproximar-se dos verdadeiros problemas do mundo atual, deve abrir novo capítulo de conhecimento teológico e pastoral”.⁶

Por isso, os documentos que se elaboraram tiveram novo enfoque e mentalidade, colocando em chave trinitária o que se fez e, portanto, acentuando a vertente pneumatológica.

2.1 A pneumatologia nos principais documentos conciliares

O papa Paulo VI observou que a expressão *Espírito Santo* é citada aproximadamente 258 vezes nos textos conciliares oficiais.⁷ Esta cifra não é concludente para qualificar que um Concílio seja pneumatológico. Dever-se-á esperar a publicação de todos os documentos para se poder afirmar algo assim. Por exemplo, vejamos o que dizem as quatro constituições conciliares sobre o Espírito.

- a) A Constituição dogmática *Dei Verbum* (DV), promulgada no dia 18 de novembro de 1965, tem uma orientação marcadamente trinitária. Nos primeiros números, destaca-se o Espírito como o revelador do Pai; revelação que chega de modo pleno com o envio do Espírito Santo. A tradição vai crescendo na Igreja devido à sua assistência e presença.

⁵ H. URS VON BALTHASAR, *Spiritus Creator*, Saggi teologici III, Morcelliana, 1983, 209.

⁶ Y. CONGAR, *Situación y tareas de la teología de hoy*, Salamanca 1970, 89s.

⁷ PAULO VI, “Audiência Geral de 23 de maio de 1973”, *Ecclesia* 33 (1973) 5-6.

- b) A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS), promulgada no dia 7 de dezembro de 1965, também ficou situada no marco trinitário. O Espírito Santo aparece em chave de *ação e protagonismo*; ele é quem forja a família de Deus.⁸
- c) Além do mais, o Espírito Santo *direciona*⁹ e *impulsiona*¹⁰ o *Povo de Deus, a Igreja, em sua marcha peregrinante para o Pai*.
- d) Na Constituição Dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium* (LG), promulgada no dia 21 de novembro de 1964, aparecem vários pontos referidos ao Espírito Santo. Em primeiro lugar, vem apresentado como o *enviado* pelo Pai e pelo Filho; como o *santificador* (cf. LG 4); como *vivificador* de almas e corpos (cf. LG 13); como *inabitação*, pois o Espírito ora em nós e por nós, e dá testemunho de nossa filiação adotiva (cf. Gl 4,6; Rm 8,15-16 e 26). Por outro lado, explica-se o conceito da *assistência* do Espírito como carisma de verdade, ou seja, que foi enviado para aumentar as verdades (cf. LG 34). E é denominado *senal de unificação*, visto que une a Igreja na disposição exterior do ministério e da hierarquia e na disposição interior da comunicação de graça e “doador de carismas”, de dons e de frutos. O Espírito Santo é *peregrinidade sempre jovem* e sustentáculo da realidade escatológica (cf. LG 48).¹¹

Por último, a *Constituição Litúrgica Sacrosanctum Concilium* (SC), promulgada no dia 4 de dezembro de 1963, foi a primeira aprovada pelo Concílio. Com este documento, a liturgia recupera seu lugar teológico, situando-se dentro da história da salvação. Os estudos realizados pelo

⁸ Vejam-se os números: GS 37,4; 40,2; 43,3; 45,2; 92,1.

⁹ Cf. GS 1; 3; 21,5.

¹⁰ Cf. GS 10,2; 38,1; 43,6; 44,2; 78,4; 93,1.

¹¹ Para uma leitura comentada a este respeito, cf. “Concílio Vaticano II. Constitución sobre la Iglesia”, *BAC* 253 (1966) 1084.

movimento litúrgico e seus objetivos se cumpriram com a promulgação desta constituição.

Contudo, a SC esqueceu-se quase por completo do Espírito Santo. Menciona-o apenas concisamente quando fala da economia da salvação (cf. SC 5), da missão apostólica (cf. SC 6) e da vida sacramental (cf. SC 6). Mas não diz nada sobre ele nos momentos fundamentais, como são a presença de Cristo em sua Igreja (cf. SC 7) e a Eucaristia (cf. SC 47-58).

2.2 Avaliação pneumatológica destes documentos conciliares

A publicação dos documentos conciliares supôs um progresso doutrinal no que tange ao Espírito Santo. Desde a Constituição SC, primeira a ser aprovada, até à última, a GS, cresceu a preocupação em torno da missão do Espírito Santo na Igreja, e esta concebida em chave de *mistério*.

O Concílio, então, reconheceu uma ação peculiar do Espírito Santo na Igreja. Isto não significou que se esquecesse de Cristo. Cristo não deixa de ser o centro, a luz dos povos (LG 1), mas é a luz e o centro graças ao Espírito Santo.

O Concílio colocou sob as coordenadas pneumatológicas toda a história da salvação, ou seja, as intervenções e atuações operadas por Deus e transmitidas pela Bíblia para salvar a humanidade. Uma história que é sinal do Espírito que agiu no mundo antes que Cristo fosse glorificado (cf. AG 4). O Espírito é quem *conduz* o Povo de Deus (cf. GS 11), quem *dirige* a Igreja (cf. LG 48), quem *santifica e vivifica* o povo de Deus por meio dos ministros, dos sacramentos e dos dons particulares (cf. AA 3), quem *age* para além dos confins visíveis da Igreja Católica (cf. LG 15).

Em resumo, estes documentos falaram da Trindade do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Esta ideia não era original, mas foi recuperada

da tradição patrística e do Oriente cristão. Assim, retornou-se a uma visão mais trinitária e pneumatológica dos mistérios da fé.¹²

O Concílio Vaticano II não esboçou uma pneumatologia nem orgânica nem sistematizada, mas abriu novos caminhos para os estudos posteriores. Foi o que Paulo VI expressou: “À cristologia e, especialmente, à eclesiologia do Concílio deve suceder-se um estudo novo e um culto novo ao Espírito Santo, justamente como necessário complemento da doutrina conciliar”.¹³ O Concílio retomou os aspectos teológicos do primeiro milênio, incrementou o sentido de Igreja como comunhão, apresentou a liturgia como cume e fonte da vida eclesial e nos ofereceu uma chave de leitura pneumatológica. Todavia, não disse nada sobre a função do Espírito Santo na liturgia, e talvez este tenha sido um dos grandes erros; erros que se remediaram durante as décadas seguintes com pesquisas e publicações novas, categóricas e específicas.

3. A pneumatologia nos estudos teológico-litúrgicos

Nos primeiros anos do pós-concílio, devido aos documentos conciliares, às publicações e ao ambiente eclesial, tomou-se consciência da importância que o Espírito Santo merece na vida da Igreja e nos estudos teológicos, bíblicos, eclesiológicos, litúrgicos, escatológicos e cristológicos.

Na realidade, começou-se a admitir a pneumatologia como um tratado dentro do conjunto da teologia dogmática. No entanto, aqueles anos viram-se faltos de um estudo claro, razão por que se continuava a

¹² Nove vezes se recorre à expressão *ao Pai pelo Filho no Espírito Santo*: LG 4; 28; 51; DV 2; SC 6; PO 6; OT 8; AG 7; UR 15. Duas vezes a Igreja é vista em modo trinitário como Povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito Santo: LG 17; PO 1.

¹³ PAULO VI, “Audiência geral de 6 de junho de 1973”, *Ecclesia* 33 (1973) 735.

silenciar o Espírito Santo na hora de elaborar um tratado teológico. As tentativas que se fizeram careciam da adequada profundidade.¹⁴

É verdade que os manuais atuais de Deus Uno e Trino se viram enriquecidos notavelmente pelo estudo do Espírito Santo, embora não por uma estruturação e metodologia novas. O enriquecimento dá-se com as contribuições bíblicas e patrísticas, e com os novos destaques em matéria trinitária. Assim, por exemplo, presta-se maior atenção aos nomes e propriedades das Pessoas Divinas e a sua intervenção na economia salvífica.

Contudo, é chegada a hora de conferir um lugar preferencial ao estudo pneumatológico dentro dos estudos teológicos; mais ainda, é preciso incluir a pneumatologia como matéria dentro do currículo acadêmico tanto do primeiro ciclo de estudos teológicos quanto dos cursos de licenciatura. A pneumatologia merece a mesma importância que o restante dos tratados teológicos.

Para chegar a um bom estudo sobre o Espírito Santo é necessária uma apresentação nova da metodologia aplicada, a qual tem de estar em sintonia e integrada com todas as áreas teológicas, especialmente com a ciência litúrgica. E dá-se o caso em que a teologia deve estar em função da liturgia.¹⁵

Na liturgia se manifesta a Obra da Redenção e age o Espírito Santo. Por isso, estudar esta presença e ação nas celebrações litúrgicas é

¹⁴ Para compreender este déficit, talvez possam servir-nos estas frases de Dom Philips: “O Espírito Santo esclarece o mistério e ilumina as almas para compreendê-lo, mas ele mesmo permanece na sombra para tornar mais viva a luz sobre o Filho, imagem perfeita do Pai. Este caráter quase oculto do Espírito Santo foi sublinhado pelos Padres antigos de diversas formas, às vezes explicitamente, como o fazem São Basílio e São Gregório Nazianzeno. Nessa direção, talvez, é que devemos orientar nossa busca para tornar explicável a reserva que, nos escritos teológicos, rodeia o Espírito prometido. Ele não busca senão a glória do Verbo e, por este, a glória do Pai; ele fala no interior e, amiúde, com voz muito suave... Tudo isso nos ajuda a compreender nossa indigência teológica neste tema” (cf. G. PHILIPS, “Le Saint-Esprit et Marie dans l’Église”, *Études Mariales* 25 (1968) 8).

¹⁵ Cf. A. LUCAS MAQUEDA, *La pneumatología litúrgica en la obra de don Achille Maria Triacca*, Biblioteca Litúrgica 43, CPL, Barcelona 2012, 65-89.

compreender melhor a natureza da própria liturgia, assim como aprofundar o âmbito e os modos que o Espírito tem para agir na liturgia. A liturgia é o *mistério celebrado para a vida dos fiéis*. Sua finalidade está em que os fiéis glorifiquem a Deus e se santifiquem.

4. A pneumatologia nos novos livros litúrgicos

Uma das melhores coisas que fez a reforma litúrgica, promovida pelo Concílio, foi a renovação de todos os livros litúrgicos. Com a nova visão da teologia, necessitava-se de livros adequados, adaptados ao momento e aos tempos, a fim de se poder celebrar melhor o Mistério.

Os livros litúrgicos são um monumento de fé e de sensibilidade atual, e asseguram que a celebração seja mais eclesial; são um compêndio teológico, bíblico, pastoral e catequético único.

Se os lermos com atenção, observaremos que não respondem a como se devem fazer as coisas, mas, antes, ao que celebramos e ao que pretendemos com as celebrações. A liturgia deixou de ser um tratado de rubricas para converter-se em uma ciência própria.

4.1 Conhecimento e estrutura destes livros

A renovação dos livros litúrgicos, segundo a mentalidade do Concílio Vaticano II, foi levada a cabo em menos de cinquenta anos. A primeira publicação ou edição do livro litúrgico sempre se faz em latim; a esta edição se chama *editio typica*. Depois, cada país faz a tradução em sua língua nativa. Uma lista faz-nos ver a quantidade de livros litúrgicos existentes e o trabalho que muitas pessoas tiveram para levar a bom termo a reforma; de alguns destes livros já existe uma segunda ou terceira edição.

Editio typica latina	Edição brasileira
<i>De Ordinatione Diaconi, Presbyteri et Episcopi</i> (1968)	Ritual de Ordenação de bispos, presbíteros e diáconos
<i>Ordo Celebrandi Matrimonium</i> (1969)	Ritual do Matrimônio
<i>Calendarium Romanum</i> (1969)	Calendário Romano
<i>Ordo Missae</i> (1969)	Ordinário da missa
<i>Ordo Baptismi Parvulorum</i> (1969)	Ritual do Batismo de Crianças
<i>Ordo Lectionum Missae</i> (1970)	Ordinário das leituras da missa
<i>Ordo Exsequiarum</i> (1969)	Ritual de exéquias
<i>Ordo Professionis Religiosae</i> (1970)	Ritual da Profissão Religiosa (Pontifical Romano)
<i>Missale Romanum</i> (1970)	Missal Romano
<i>Ordo Consecrationis virginum</i> (1970)	Ritual da Consagração de Virgens (Pontifical Romano)
<i>Missale Romanum: lectionarium I, II, III</i> (1970)	Missal Romano: Lecionário I, II, III
<i>Missale parvum, ad usum sacerdotis itinerantis</i> (1970)	
<i>Ordo Benedictionis Abbatis et Abbatissae</i> (1970)	Bênção de abade e abadessa (Pontifical Romano)
<i>Ordo benedicendi Oleum catechumenorum et infirmorum et conficiendi Chrisma</i> (1970)	Ritual de Bênçãos (Pontifical Romano)
<i>Officium Divinum: Liturgia Horarum I, II, III, IV</i> (1971)	Oração do Tempo Presente – suplemento
<i>Ordo Confirmationis</i> (1971)	Ritual da Confirmação (Pontifical Romano)
<i>Ordo Initiationis christianae adultorum</i> (1972)	Ritual da Iniciação Cristã de Adultos
<i>Ordo cantus Missae</i> (1972)	Cânticos do Ordinário da missa

<i>De institutione Lectorum et Acolythorum: De admissione inter candidatos ad Diaconatum et Presbyteratum. De sacro caelibatu amplectendo</i> (1972)	Instituição de Leitores e Acólitos e de admissão entre os candidatos à Ordem Sacra (Pontifical Romano)
<i>Ordo Unctionis infirmorum</i> (1972)	Ritual da Unção dos Enfermos e sua assistência pastoral
<i>De sacra Communione et de Cultu mysterii eucharistici extra Missam</i> (1973)	A sagrada comunhão e o culto do mistério eucarístico fora da missa
<i>Directorium de Missis cum pueris</i> (1973)	Diretório para missas com crianças
<i>Ordo Poenitentiae</i> (1973)	Ritual da Penitência
<i>Graduale simplex</i> (1974; editio altera, a primeira edição havia sido publicada em 1967)	
<i>Missale Romanum</i> (1975, segunda edição)	Missal Romano, 2. ed.
<i>Ordo dedicationis ecclesiae et altaris</i> (1979)	Ritual de Dedicção de igreja e de altar (Pontifical Romano)
<i>Nova Vulgata Bibliorum Sacrorum</i> (1979)	
<i>Ordo Lectionum Missae</i> (1975, segunda edição)	Ordinário das leituras da missa
<i>Ordo coronandi imaginem Beatae Mariae Virginis</i> (1981)	Ritual de coroação de Imagem da Bem-aventurada Virgem Maria
<i>De Benedictionibus</i> (1984)	Ritual de Bênçãos
<i>Caeremoniale Episcoporum</i> (1984)	Cerimonial dos Bispos – Cerimonial da Igreja
<i>Officium Divinum: Liturgia Horarum</i> (1985, segunda edição)	Liturgia das Horas I, II, III, IV
<i>Collectio Missarum de Beata Maria Virgine e Lectionarium pro Missis de Beata Maria Virgine</i> (1986)	Missas de Nossa Senhora e Lecionário para Missas de Nossa Senhora
<i>Passio Domini Nostri Iesu Christi</i> (1989)	

<i>De Ordinatione Episcopi, Presbyterorum et Diaconorum</i> (1989)	Ritual de Ordenação de bispos, presbíteros e diáconos
<i>Ordo celebrandi Matrimonium</i> (1990, segunda edição)	Ritual do Matrimônio, 2. ed.
<i>De Exorcismis et supplicationibus quibusdam</i> (1998)	Ritual de Exorcismo e outras súplicas
<i>Martirologium Romanum</i> (2001)	Martirologio Romano
<i>Ordo Rituum Conclavis</i> (2005)	
Missal Romano, 3. ed. (2002/2008)	

Os livros litúrgicos costumam ter a mesma estrutura. Constam de três partes: os *Praenotanda* (introdução), a parte celebrativa (corpo central) e uma seleção de leituras (lecionário).

- a) Os *Praenotanda* têm valor único e precioso; são os princípios e as normas gerais para a celebração do sacramento em questão, ou o sacramental ou o ofício que se vai celebrar. Estes princípios contêm a teologia, a espiritualidade, a pastoral e as rubricas que contêm a referida celebração. Portanto, *partem* de afirmações doutrinárias da tradição da Igreja para aplicá-las, em seguida, ao campo litúrgico-ritual; *guiam* o anúncio do significado do evento sacramental e *qualificam* todo o desenvolvimento da celebração; *oferecem* pontos de autenticidade e verdade que entram no ritmo celebrativo; e *permitem* uma verdadeira participação do povo de Deus em sua disposição hierárquica, ministerial e carismática.
- b) A parte celebrativa é o corpo central do livro. Nela se encontram a estrutura ritual, as orações e as rubricas. É ponto de referência para o desenvolvimento da celebração.
- c) E, por último, a terceira parte é a grande novidade destes novos livros. Consiste em uma série de leituras da Palavra de

Deus, podendo-se escolher aquelas mais apropriadas para as distintas circunstâncias, ambientes e assembleias. A Palavra de Deus proclamada é alimento de fé para o povo inserido na história da salvação.

A reforma litúrgica situou-se no plano teológico à luz da Revelação, mas com uma clara orientação pastoral e espiritual para uma autêntica participação e estilo celebrativo. Assim, os livros representam uma escola educativa para toda a comunidade celebrante e pretendem explicar, aprofundar e alimentar a vida do cristão.

4.2 A pneumatologia nos livros litúrgicos

Não existe um estudo geral sobre o Espírito Santo nos livros litúrgicos atuais. Devemos conformar-nos somente com alguns artigos que tentam dar passos sem que cheguem a uma sistematização. Não obstante é possível afirmar que, se se busca o Espírito Santo, e se se pretende chegar a uma pneumatologia-litúrgica, uma das fontes das quais se deve haurir é a dos livros litúrgicos, os antigos e os atuais, já que têm como protagonista indubitável o Espírito Santo.

Os grupos de trabalho, comissões e pessoas que confeccionaram estes livros alimentaram a liturgia em um tríptico núcleo inter-relacionado: o trinitário, o histórico-salvífico e o teológico, sendo o pneumatológico o farol que guia, orienta e forma a celebração. Assim, a liturgia é, essencialmente, a manifestação de Cristo glorificado; é a atualização da presença de Cristo na celebração litúrgica. Isto se deve à ação do Espírito Santo.

O livro litúrgico é o *suporte* da celebração: educa-nos e ensina-nos. Seria semelhante a um tesouro que, fechado, não diz nada. Este tesouro contém o Espírito que espera que alguém o abra para a celebração. Nesse sentido, uma vez aberto, o Espírito aflora, transformando aquilo que lhe pedimos, inclusive nós mesmos. Com esta comparação,

entende-se que o livro litúrgico está encoberto por um halo pneumatológico, e que, graças a isso, podemos celebrar a Trindade.

Em todos os livros litúrgicos e rituais existem termos, frases, orações, leituras, invocações explicitamente pneumatológicas. No entanto, nem todos visibilizam o Espírito Santo com tanta clareza: no *Cerimonial dos Bispos*, que não tem uma estrutura ritual celebrativa, mas um conjunto de normas e rubricas, é difícil enxergar uma pneumatologia. Contudo, o Espírito faz-se presente quando, ao cumprir essas normas, surge a celebração em sintonia com o que a Igreja pede.

Em suma, os livros litúrgicos são verdadeiras joias pneumatológicas, tanto na doutrina quanto nas orações.

Neste percurso histórico-pneumatológico, apresentaram-se sucintamente o Concílio Vaticano II com seus documentos principais e a situação pós-conciliar no que concerne ao estudo do Espírito Santo.

Todo esse período, que foi marcado pela renovação e pela reforma litúrgica, evoluiu de maneira positiva e gradual para uma teologia em *espírito e verdade*, e engendrou grandes teólogos que deram à Igreja impulso e dinamismo para um futuro melhor, formando o pensamento de leigos e de sacerdotes. O trabalho desenvolvido nos documentos conciliares, na preparação dos livros litúrgicos, no labor pela união com o Oriente cristão e na confecção de revistas e estudos de corte pneumatológico ofereceu-nos a oportunidade de voltar às origens do cristianismo e recuperar o que ficara escondido durante tantos anos.